

Construções de topicalização e objeto nulo em português L2

Mariana Silva

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa

Abstract

In this study we tested Spanish-speaking learners of Portuguese L2, with the goal of investigating their sensibility to syntactic constraints and topic specificity in topicalization and null object constructions. No evidence of L1 transfer was found either at the elementary or at the advanced level (against Valenzuela 2006). However, our results indicate later acquisition of semantic properties, as opposed to the early development of syntactic ones, with the results of the advanced group being very close to those of the native controls. The link between topicalization and null objects does not seem to have been established by either group, suggesting that the two constructions have a different status in the interlanguage grammars of our learners.

Keywords: topicalization, null object, specificity, L1 transfer

Palavras-chave: topicalização, objeto nulo, especificidade, transferência de L1

1. Introdução

O espanhol e o português, apesar de serem línguas tipologicamente muito próximas, distinguem-se no que toca a construções de tópicos marcados (cf. Tabela 1). Em espanhol, ocorre uma divisão de tarefas no que respeita à Topicalização (Top) e à Deslocação à Esquerda Clítica (DEC): tal como em português, a DEC só é compatível com tópicos específicos; a Top, porém, ao contrário do que se verifica em português, está restrita a tópicos não específicos. Em termos de distribuição, no entanto, a Top é incompatível com ilhas fortes, em ambas as línguas (Duarte, 1987, 2003). Existe um paralelismo entre estruturas de Top e estruturas com objeto nulo, dado que a categoria vazia em posição de objeto nulo é uma variável A'-ligada por um tópico foneticamente nulo (Huang, 1984; Raposo, 1986). Assim, em português, os contextos que excluem objetos nulos coincidem com aqueles em que não podem ocorrer construções de Top e, em espanhol, os objetos nulos estão restritos a contextos em que o antecedente é não-específico (Duarte 1987, 2003, Alamillo & Schwenker 2007). Estudos prévios sobre a aquisição de construções de tópicos marcados em espanhol como segunda língua (L2)

(e.g. Valenzuela 2006) revelam, em falantes quase-nativos, efeitos de influência da língua materna (L1), sendo esta influência mais evidente na aquisição de propriedades interpretativas que na aquisição de propriedades sintáticas.

Este estudo tem como objetivo testar a sensibilidade de aprendentes de português L2 à especificidade dos tópicos e a certas restrições sintáticas, em construções de Top e Objeto Nulo, permitindo verificar se os juízos feitos pelos falantes revelam influência da gramática da língua materna, e/ou uma aquisição em progresso ou já uma aquisição plena das propriedades da gramática da língua segunda. Começamos, desta forma, por descrever as propriedades das construções de tópicos marcados, com especial ênfase à Top e à DEC, bem como algumas hipóteses sobre a sintaxe dessas construções (secção 2). De seguida, apresentamos uma síntese dos principais estudos de aquisição de L1 e de L2 sobre estas propriedades (secção 3). Na secção 4, damos a conhecer o nosso estudo, discutindo-o na secção 5.

2. Construções de tópicos marcados

As construções de tópicos marcados são aquelas em “que um dado constituinte mantém a relação gramatical de sujeito e um constituinte distinto, mais ou menos fortemente associado com elementos internos à predicação e ocupando uma posição externa à oração, tem a função textual de tópico frásico” (Duarte 1987: 72). Em português existem várias construções de tópicos marcados, entre as quais a Topicalização e a Deslocação à Esquerda Clítica, de que falaremos neste artigo. Também o Objeto Nulo é considerado um tipo de construção de tópico marcado, uma vez que, tal como Huang (1984) e Raposo (1986) defendem, o objeto nulo é uma categoria A'-ligada a um tópico foneticamente nulo. Esta construção, segundo Raposo (1996), é possível se houver uma entidade saliente no universo discursivo, ou seja, se houver um “tópico-zero”, na aceção de Huang (1984), que permita identificar o tópico implícito e semântica e discursivamente apropriado. Raposo (op *cit.*) mostra que as construções com objeto nulo apresentam todas as propriedades de movimento-wh, comportando-se, portanto, como as estruturas de Topicalização.

2.1. Características das construções de Topicalização e Deslocação à Esquerda Clítica

A **Topicalização** e a **Deslocação à Esquerda Clítica** são exemplos de construções de tópico marcado, ilustradas em (1) e (2), respetivamente.

- (1) Piscina, não sabia que tinha [-] (Duarte 1987: 83)
- (2) Os gerentes, trata-os como se fossem míseros contínuos (Duarte 2003: 495)

Algumas das **propriedades comuns** destas construções são as seguintes (a lista não é exaustiva):

- O tópico apresenta um elevado grau de conectividade: referencial, categorial, casual e temática com uma expressão no interior do comentário (bem como concordância quanto a traços de pessoa, número e género).
- Não estão limitadas a contextos de frase-raiz, ocorrendo o tópico à esquerda de C em contextos de frase-raiz e à sua direita em contextos encaixados (3) e (4).

(3) (a) Ao Pedro, [_{SC}quem é que ofereceu um livro [-]]? (Duarte 2003: 497) (Top)

(b) Ela disse [_{SC}que, ao Pedro, ofereceu dois livros [-]] (Duarte 2003: 497) (Top)

(4) (a) Ao João, [_{SC}quem é que não lhe pagou o ordenado este mês?] (Duarte 2003: 495) (DEC)

(b) Ela diz [_{SC}que, ao João, ainda não lhe pagaram o ordenado este mês] (Duarte 2003: 495) (DEC)

- Apresentam sensibilidade a restrições de ilhas fortes (5a) e (6a)¹, mas não a ilhas fracas (5b) e (6b).

(5) (a) *Piscina, nunca fui a[o clube de golfe [que tem [-]]] (Duarte 2003: 498) (Top)

(b) O bolo, eu perguntei quando é que o João comprou [-] (Top)

(6) (a) *Ao João, não encontro [artigos [que lhe possam ser úteis]] (Duarte 2003: 495) (DEC)

(b) O bolo, eu perguntei quando é que o João o comprou [-] (DEC)

Por outro lado, as duas **construções distinguem-se** nas seguintes propriedades:

- Enquanto, na Topicalização, o tópico está ligado a uma categoria vazia no interior do comentário, na DEC, ele está ligado a um elemento visível, sendo este elemento obrigatoriamente um clítico.
- A DEC, ao contrário da Topicalização, não legitima lacunas parasitas, como se observa em (7) e (8).

(7) Esse artigo, o João discutiu [-] na aula [sem ter lido [-]] (Duarte 2003: 498) (Top)

(8) *Esse artigo sobre forças fracas, o João discutiu-o [sem ter lido [-]] (Duarte 2003: 496) (DEC)

¹ Segundo Duarte (1987, 2003), a DEC é sensível a ilhas fortes. No entanto, segundo Raposo (1986), apenas a Topicalização é sensível a ilhas fortes.

Discursivamente, as duas construções são usadas com funções diferentes. A Topicalização pode ser utilizada com a função de introduzir um novo tópico no discurso, reintroduzir um constituinte do comentário anterior como o novo tópico e permitir contrastar predicacões, ou seja, “a predicacão expressa pelo comentário acerca da entidade designada pelo tópico é contrastada com outra predicacão contida no discurso anterior e envolvendo a mesma entidade.” (Duarte 1987: 88). A DEC, por sua vez, pode ser utilizada como “estratégia de preservação do tópico” (Duarte 2003: 496) e como “estratégia de listagem exaustiva” (Duarte 2003: 496).

Do ponto de **vista semântico**, também há uma divisão de tarefas no que respeita a estas duas construções em português europeu. O espanhol e o português, apesar de serem línguas tipologicamente muito próximas, distinguem-se nos campos semântico e sintático. Assim, verificam-se as diferenças presentes no quadro seguinte.

	Português	Espanhol
Tópico Específico	DEC & Top O bolo, o João já (o) comeu	DEC Este libro, *(lo) he leído muchas veces (Valenzuela 2006)
Tópico Não-Específico	Top Revistas, leio(*-as) frequentemente	Top Revistas, (*las) leo a menudo (Valenzuela 2006)
Frases Raiz	Top & DEC O bolo, o João comeu(-o).	Top & DEC a)Este libro, lo he leído muchas veces b)Libros, leo a menudo (Valenzuela 2006)
Frases Encaixadas	Top & DEC Asseguro-te de que, o teu segredo, não (o) conto a ninguém.	DEC a) Te aseguro que, tu secreto, no se lo he dicho a nadie b)*Me pregunto si, secretos, puede guardar. ² (Valenzuela 2006)

Tabela 1: Contraste entre o português e o espanhol para as construções de tópicos marcados

2.2. A sintaxe dos tópicos marcados

Nesta secção, apresentamos uma síntese das principais análises propostas na literatura para as construções de Topicalização e Deslocação à Esquerda Clítica.

² Bosque (1999) aceita construções de Top em frases encaixadas.

Um conjunto de hipóteses, que podemos designar como “movimento do tópico para uma posição na periferia esquerda da frase”, defende que o tópico é deslocado para Comp (Higgins, 1973) ou para uma posição de adjunção a SFlex (Baltin, 1982). De acordo com Duarte (1987), a posição ocupada pelo tópico depende do estatuto da oração: o tópico adjunge-se a SFlex ou a SC, consoante esteja inserido numa frase encaixada ou numa frase raiz, respetivamente.

Um outro grupo de hipóteses sobre Top não prevê movimento do tópico. Chomsky (1977), por exemplo, defende que o constituinte topicalizado é projetado diretamente na sua posição de superfície, em posição de Tópico, com movimento de um operador-Wh da sua posição de base para Comp. Raposo (1996), adaptando esta análise, assume que o tópico é gerado diretamente em adjunção a SC (em frases raiz) e a SFoc (em frases focalizadas, interrogativas e encaixadas), com movimento de um operador nulo para SpecC/C em frases raiz e para SpecFoc/Foc em frases encaixadas, interrogativas e focalizações.

Em relação à DEC, tanto Lasnik & Saito (1992) como Duarte (1987, 2003) e Rizzi (1997) defendem que o tópico é gerado na base, ou seja em STop. Para Raposo (1996) e Duarte (1987, 2003), a grande diferença entre DEC e Topicalização reside no facto de DEC não apresentar movimento, ao contrário da Topicalização (que envolve movimento de um operador nulo ou do tópico, respetivamente). Assumiremos a proposta de Duarte (1987, 2003) para as duas construções.

3. Teorias de Aquisição de Linguagem (L1 e L2)

Em relação à aquisição de construções de Topicalização e Objeto Nulo em L2, existem várias teorias que apresentam predições sobre o estágio final de aquisição de uma língua segunda e também sobre o percurso de aquisição, como revela White (2003). Exemplo dessas propostas é a Hipótese da Transferência Plena/Acesso Pleno (FT/FA - Full Transfer/Full Access) (Schwartz & Sprouse, 1994), que defende que tanto as representações gramaticais como a performance do falante não nativo podem ser idênticas às de um falante nativo, sendo que é possível adquirir plenamente uma L2, incluindo as propriedades diferentes das da L1 – embora, inicialmente, se assista à transferência da gramática da L1, os falantes não nativos vão, ao longo do processo de aquisição, desenvolvendo conhecimento de propriedades da L2 distintas das da L1, por acesso direto à Gramática Universal (GU).

Paralelamente às diferentes hipóteses gerais sobre a aquisição de L2, existem ainda algumas teorias quanto à aquisição de determinadas áreas de uma segunda língua. Segundo Sorace (2003), Robertson & Sorace (1999) e Tsimpli & Sorace (2006), no estágio final de aquisição de L2, o domínio interpretativo (onde a sintaxe e a semântica estão relacionadas) é “vulnerável”, ao contrário do que acontece com as propriedades sintáticas “puras” (sem interface com outra área), que são mais facilmente adquiridas.

Esta assimetria deve-se, fundamentalmente, ao facto de os domínios em que se estabelece interface entre duas ou mais propriedades sintáticas implicarem um processamento mais complexo.

Valenzuela (2006) organizou um estudo bidirecional com o objetivo de verificar a aquisição de construções de tópicos marcados em estádios finais de aquisição. O grupo de participantes do estudo 1 foi constituído por 15 falantes de inglês L1/ espanhol L2 e o do estudo 2 por 17 falantes de espanhol L1/inglês L2. Foram utilizadas duas tarefas, uma tarefa de seleção e outra de preenchimento, que testavam a sensibilidade à especificidade dos tópicos em frases raiz e em frases encaixadas. Os resultados do estudo 1 mostraram que os falantes quase-nativos de espanhol parecem ter adquirido as construções de DEC, todavia, parecem preferir essa construção independentemente da especificidade do tópico. Isto pode indicar que as propriedades interpretativas são, de facto, problemáticas para os quase-nativos, ainda que as sintáticas pareçam adquiridas. Os resultados do estudo 2 mostraram que os falantes quase-nativos de inglês são sensíveis às propriedades sintáticas que distinguem DE (Deslocação à Esquerda) de Top. No entanto, o grupo de quase-nativos aceita e produz pronomes predominantemente com tópicos específicos, exibindo influência da L1.

No que diz respeito à aquisição de estruturas de Topicalização na língua materna, por outro lado, dados de produção espontânea de três crianças portuguesas permitiram verificar que as primeiras topicalizações começam a surgir após os 1;08 e correspondem a topicalizações de objetos diretos, ainda que estas construções não sejam frequentes no *corpus* analisado (Soares 2003).

Relativamente à aquisição de Objetos Nulos em L2, os resultados encontrados em Grüter (2006), relativamente a duas tarefas aplicadas a crianças falantes de inglês L1/ francês L2 francês revelaram que as mesmas omitem clíticos na produção, mas não aceitam objetos nulos numa tarefa de juízos de valor de verdade, o que permite concluir que se trata de um caso de “Missing Surface Inflection” (Prévost & White, 2000), em que a omissão de clíticos resulta de dificuldades na realização das formas morfológicas (e não de um conhecimento defetivo das propriedades gramaticais relevantes). Relativamente aos resultados de um teste de produção elicitada aplicado por Grüter & Crago (2010) a dois grupos de crianças falantes de espanhol e de chinês, respetivamente, de diferentes níveis de proficiência, a aprender francês como L2, observou-se que o grupo de espanhol L1 produz mais clíticos que o grupo de chinês L1, o que vai ao encontro da Hipótese de Transferência Plena. Um teste de juízos de valor de verdade aplicado neste estudo, por sua vez, não mostrou qualquer assimetria, uma vez que o grupo de falantes de chinês revelou uma forte tendência para rejeitar objetos nulos com referência específica. Embora este estudo deixe várias questões em aberto, os resultados levam os autores a colocar a seguinte hipótese: a transferência de L1 limita-se a material realizado e não a categorias vazias. Este estudo mostrou ainda algumas

evidências de que há uma relação entre a frequência das omissões dos clíticos e as limitações na capacidade de processamento.

No que concerne à aquisição de construções de Objeto Nulo na língua materna, bem como à produção ou omissão de clíticos, autores como Schaeffer (1997), Wexler et al. (2003), Tsakali & Wexler (2003) e outros demonstram que os clíticos podem ser omitidos em estádios iniciais de desenvolvimento linguístico. Wexler et al (2003) alertam para a existência de variação interlinguística no que se refere à omissão do clítico, observando que esta apenas ocorre em línguas com concordância de participio passado, como é o caso do francês e do italiano. Porém, esta hipótese implicaria que as crianças portuguesas não omitissem clíticos – o que não se verifica. Segundo Costa, Lobo & Silva (2011), as crianças portuguesas omitem clíticos em maior percentagem que as crianças falantes de outras línguas e essas omissões ocorrem até uma idade mais tardia. Como em Português Europeu a omissão de clíticos é muito frequente, propôs-se que esta omissão não teria a mesma natureza das omissões ocorridas em francês, italiano, etc. Em estudos como Costa & Lobo (2006) e Carmona & Silva (2007), por exemplo, afirma-se que há menos omissões de clíticos em contextos em que os objetos nulos são excluídos na gramática do adulto. Por esta razão, Costa et al. (2008) colocou a hipótese de a omissão de clíticos em Português Europeu ser uma sobregeneralização das construções de objeto nulo, o que permite explicar as diferentes taxas de omissão em contextos de ilhas fortes e em contextos reflexivos, relativamente a outros contextos. Os resultados dos testes de produção (Costa & Lobo (2006) e Costa et al. (2008)) e compreensão aplicados por Costa & Lobo (2006, 2010) e Costa & Silva (2007) mostram que as crianças têm conhecimento das construções de objeto nulo, ainda que as usem, também, em contextos “proibidos”, como em ilhas fortes e em contextos reflexivos.

4. Estudo

4.1. Hipóteses

Segundo a Hipótese da Transferência Plena/Acesso Pleno (Schwartz & Sprouse 1994), o falante não nativo transfere inicialmente a gramática da sua L1, podendo, nos estádios seguintes, desenvolver conhecimento de propriedades da L2 distintas das da L1, por acesso direto à Gramática Universal. Seguindo esta perspetiva, colocamos as seguintes hipóteses:

- 1- No nível elementar, há transferência da L1, que se manifesta por uma correlação entre a especificidade do tópico e o tipo de construção (preferência por Top com tópicos [-esp] e por DEC com tópicos [+esp], por parte dos falantes de espanhol L1/português L2).

- 2- No nível avançado, há aquisição das restrições de especificidade das duas construções (preferência por Top com tópicos [-esp] e aceitação das duas opções com tópicos [+esp]).
- 3- Há consciência das restrições sintáticas deste tipo de construções, que se manifesta mais cedo que a consciência das restrições do domínio interpretativo. Prevê-se, pois, que, ainda que numa primeira fase se possa assistir a transferência das propriedades da L1, ou seja, em que os falantes aceitam construções de Topicalização e de Objeto Nulo em frases raiz, bem como as suas contrapartidas com clíticos; em que os falantes aceitam construções com clíticos em estruturas encaixadas, mas não aceitam Top e Objeto Nulo (segundo Valenzuela, 2006); numa segunda fase, prevê-se igualmente que estes falantes comecem a adquirir as propriedades da L2, aceitando todas as construções em estruturas raiz e encaixadas e excluindo todas as construções de contextos de ilha forte³.
- 4- Existe uma correlação entre o desenvolvimento do conhecimento das propriedades da Top e das condições de ocorrência do objeto nulo.

4.2. Metodologia

4.2.1. Participantes

Neste estudo, participou um grupo de 10 falantes nativos de espanhol – 4 de nível elementar e 6 de nível avançado, com idade média de 23,6. Nenhum elemento do grupo elementar viveu em Portugal por um período superior a 6 meses, tendo aprendido o português formalmente, em contexto escolar. Todos os elementos do grupo avançado viveram em Portugal por um período superior a 2 anos, tendo aprendido o português em contexto formal e de imersão. Também participou um grupo de controlo composto por 10 falantes nativos de português, monolíngues, entre os 20 e os 50 anos (idade média: 30 anos), um grupo de controlo composto por 16 falantes de chinês L1 (idade média: 22,7 anos) – 5 de nível avançado, 11 de nível elementar. A inserção de um grupo de controlo constituído por falantes nativos de chinês teve como objetivo controlar efeitos de transferência de L1, tendo em conta o facto de ser uma língua semelhante ao português no que diz respeito aos objetos nulos (Huang 1984, Raposo 1986).

4.2.2. Procedimentos

Foram contactadas as responsáveis pelo ensino do Curso de Língua e Cultura Portuguesa, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, que colaboraram na seleção de alunos espanhóis de nível elementar e de nível

³Porventura aceitando DEC e construções com clítico nessa condição, se assumirmos Raposo (1998) [aparece como 1996 no texto].

avançado, bem como de alunos chineses dos mesmos níveis. O teste foi aplicado numa aula de português. Os alunos demoraram aproximadamente 40 minutos a completar o teste. Após a recolha dos dados, foram elaboradas tabelas e gráficos com as informações obtidas, onde constam as diferentes condições, as diferentes construções, as respostas e as correções dadas por ambos os grupos. A partir do tratamento da informação, começámos a retirar conclusões.

4.2.3. Materiais

Utilizámos uma tarefa de seleção de frases, em que os participantes tinham de avaliar 36 enunciados e escolher a frase, ou frases, que melhor os completavam. Essa seleção foi feita assinalando a hipótese que mais se adequava, de entre as seguintes: “Sem clítico”, “Com clítico”, “As duas” “Nenhuma”. Alguns exemplos são apresentados nos quadros seguintes:

	Raiz	Nº	Adverbiais	Nº
+específicos	“Este livro, encontrou/encontrou-o numa gaveta da sala”	8	“O bolo de chocolate, ela sorriu quando a mãe *fez/o fez .”	4
- específicos	“o vencedor do torneio, ele convida/*convida-o, de certeza..”	8		
Nominais sem Determinante (- específicos)	“gatos, eu adoro/*adoro-os”	4	Espécies raras, ele só vai descansar quando *descobrir/*as descobrir.	4

Tabela 2: Itens de teste por condição para Topicalização

	Coordenação	Nº	Adverbiais	Nº
+esp	“Comprou o livro e guardou/guardou-o no armário”	4	“B: Ele comprou os livros quando o professor *encomendou /os encomendou”	4
-esp	“B: ...ela almoça comida chinesa muitas vezes e compra/*compra-a para o jantar dos filhos.”	4	“O Eduardo vai querer um carro caro, quando o pai *comprar/*o comprar.”	4

Tabela 3: Itens de teste por condição para Objeto Nulo

4.3. Resultados

Os resultados da tarefa de seleção de frases são apresentados nos gráficos seguintes (os resultados do grupo de controlo chinês surgem apenas no final da análise).

A figura 1 mostra a distribuição das respostas pelos grupos na tarefa de seleção de frases, sendo apresentada a percentagem de vezes que cada grupo selecionou as diferentes opções do teste em construções de Top/DEC em contexto raiz, em função da especificidade dos tópicos.

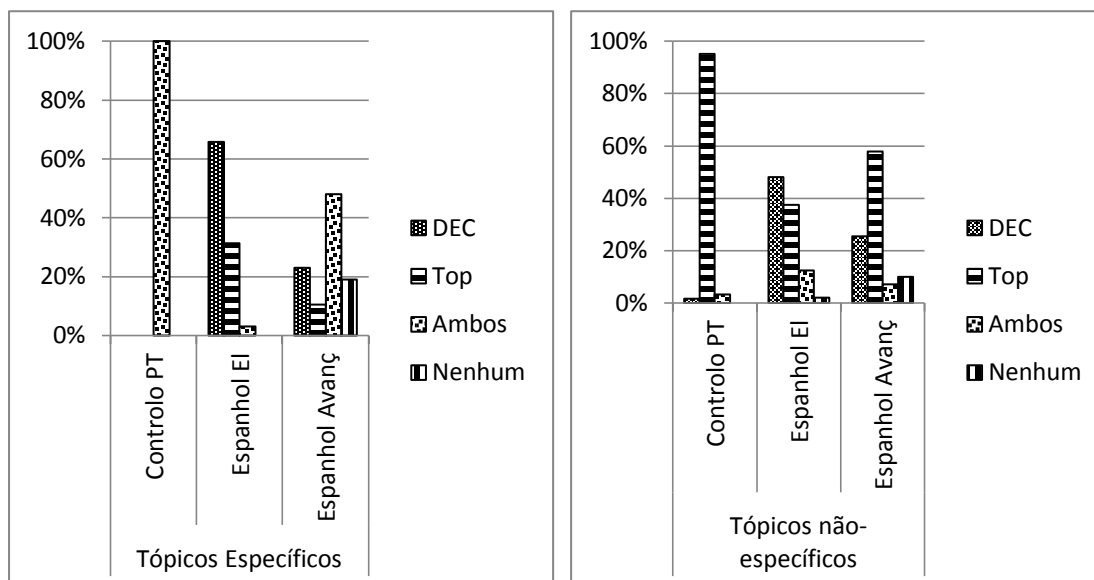


Figura 1. Especificidade dos tópicos em construções de Top/DEC em contexto raiz

Como mostra a figura 1, o grupo de controlo apresenta uma preferência de 100% por “ambos” com tópicos específicos e por Top com tópicos não específicos, desta vez, na casa dos 95%. O grupo elementar apresenta uma preferência por DEC com ambos os tópicos, ainda que com tópicos não específicos essa opção seja menos marcada. Ou seja, com tópicos específicos, o grupo elementar escolhe DEC em 66% das vezes e com tópicos não específicos em 48%. Esta escolha pode ser indicativa de que a escolha de DEC com tópicos específicos em nada se relaciona com um caso de transferência de L1, pois, como observamos, é também uma opção forte com tópicos não-específicos e trata-se de uma opção impossível tanto em português como em espanhol. Na mesma figura, podemos observar que os juízos do grupo avançado tendencialmente se aproximam dos do grupo de controlo. Com tópicos específicos, o grupo avançado escolhe a opção “ambos” em 48% dos casos, mostrando ser a opção mais escolhida, tal como no grupo de controlo. Com tópicos não específicos, por sua vez, o grupo avançado escolhe “Top” em 58% dos casos, revelando, também aqui, uma aproximação aos juízos do grupo de controlo. Parece observar-se, pois, uma aquisição tardia das restrições de especificidade sobre os tópicos em construções de tópicos marcados.

A figura 2 mostra a distribuição das respostas pelos três grupos na tarefa de seleção de frases, sendo apresentada a percentagem de vezes que cada grupo selecionou as diferentes opções do teste em construções de Top/DEC em contexto de ilhas fortes.

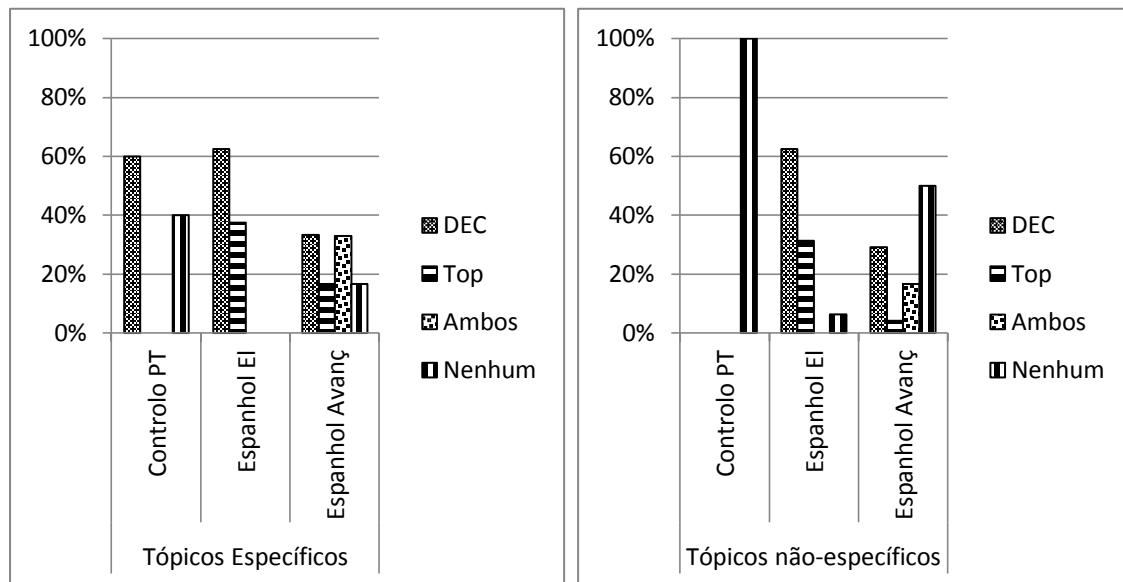


Figura 2. Ocorrência de Top e DEC em contexto de ilhas fortes

Como mostra a figura 2, o grupo de controlo divide-se entre DEC e “nenhum” com tópicos específicos e prefere, unanimemente, “nenhum” com tópicos não específicos. O grupo elementar apresenta uma preferência por DEC (63% das vezes), independentemente da especificidade dos tópicos, como já se observara em contextos

raiz. Estes resultados podem levar-nos a colocar a hipótese de que estes falantes, ainda que não apresentem sensibilidade à especificidade dos tópicos, possam ser sensíveis ao contexto sintático, sendo que DEC é a única opção possível em contexto de ilhas fortes. No entanto, o facto de este comportamento também se ter verificado em contextos raiz, poder-nos-á levar a desvalorizar esta hipótese, dando ênfase à que identifica neste grupo um comportamento padronizado, que opta por “DEC” em qualquer contexto, ou seja, que opta por “DEC” por defeito. O grupo avançado, por sua vez, com tópicos específicos parece, também ele, dividido nas escolhas, apresentando uma preferência por DEC e Top em 33% dos casos, ao passo que na presença de tópicos não específicos, o seu comportamento apresenta um padrão de escolha, preferindo “nenhum” em 50% dos casos.

A figura 3 mostra a distribuição das respostas pelos dois grupos na tarefa de seleção de frases, sendo apresentada a percentagem de vezes que cada grupo selecionou as diferentes opções do teste em construções de Objeto Nulo em contexto raiz, em função da especificidade dos tópicos.

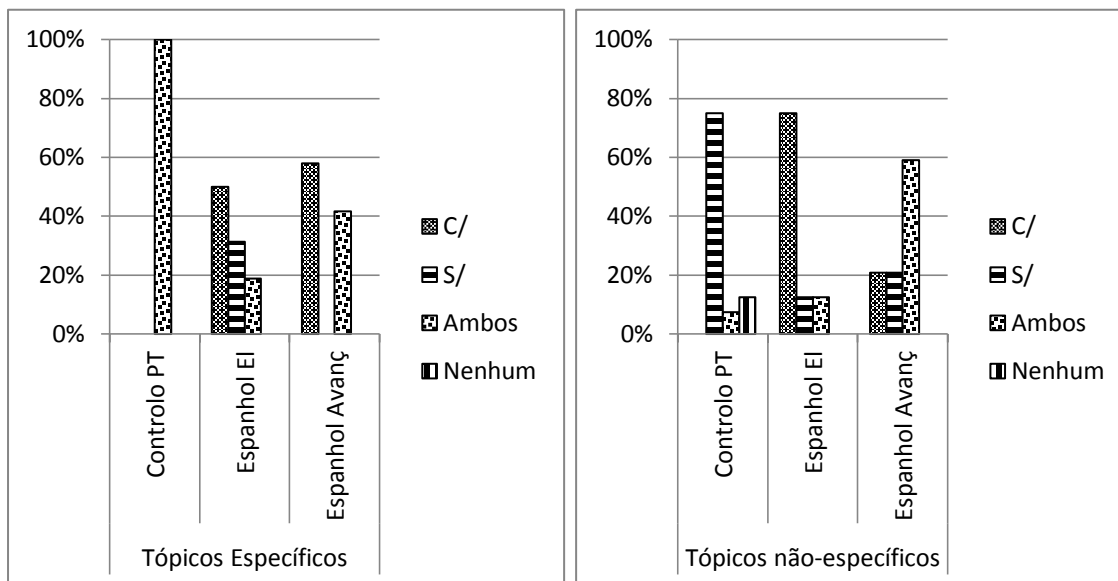


Figura 3. Especificidade dos tópicos em construções de objeto nulo (em estruturas coordenadas, em que “c/” indica construções com clítico e “s/” indica construções de objeto nulo)

Como mostra a figura 3, o grupo de controlo prefere a opção “ambos” com tópicos específicos e objetos nulos com tópicos não específicos. O grupo elementar, por sua vez, e à semelhança do que acontece para as construções de Topicalização, prefere construções com inserção de clítico, independentemente da especificidade dos tópicos, o que parece provar que, de facto, a escolha desta construção com tópicos específicos não é determinada por transferência da L1. De salientar que este grupo apresenta uma preferência por construções com clíticos na casa dos 50% com tópicos específicos e na casa dos 75% com tópicos não específicos, ou seja, parece haver maior aceitação destas

construções com tópicos não específicos, ao contrário do que seria de esperar, tanto para o espanhol como para o português, em que construções com clítico não são aceites com tópicos não específicos. O grupo avançado mantém esta tendência, aceitando clíticos em contextos não específicos, o que parece indicar que o conhecimento das restrições de especificidade ainda não está adquirido.

A figura 4 mostra a distribuição das respostas pelos dois grupos na tarefa de seleção de frases, sendo apresentada a percentagem de vezes que cada grupo selecionou as diferentes opções do teste em construções de objeto nulo em contexto de ilha forte.

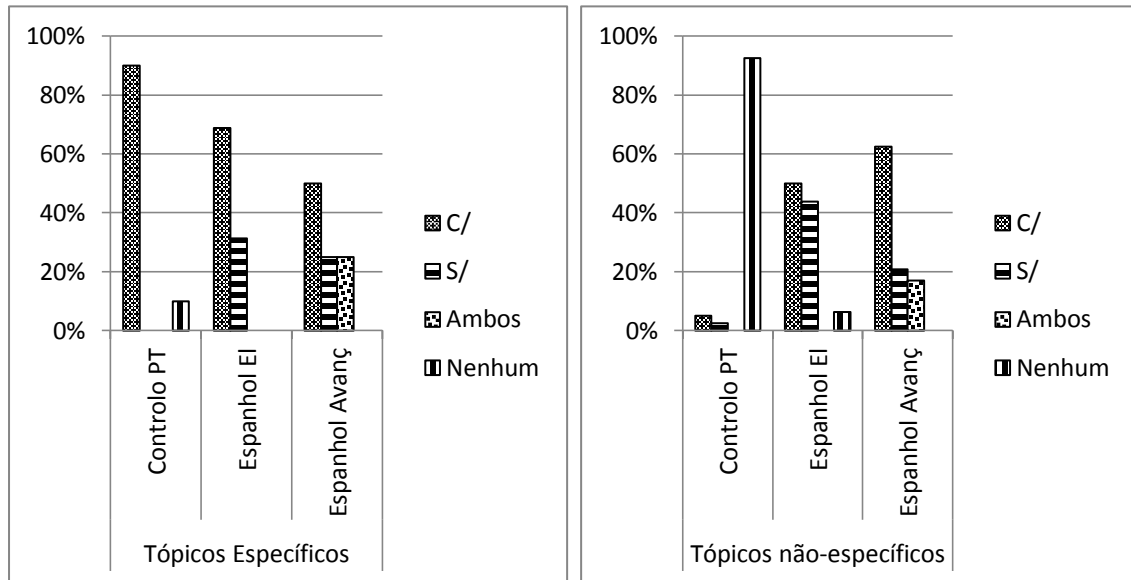


Figura 4. Ocorrência de ON em contexto de ilhas fortes

Como mostra a figura 4, o grupo de controlo prefere construções com clíticos com tópicos específicos e não apresenta uma preferência por nenhuma das opções, com tópicos não específicos, em contexto de ilha forte. O grupo elementar, por sua vez, à semelhança do que observámos anteriormente, apresenta uma preferência generalizada pela inserção de clíticos, ainda que em construções de objeto nulo também haja uma grande percentagem de aceitação de construções sem clítico, com 44% das respostas neste sentido, ou seja, parece haver aceitação de objetos nulos em ilhas fortes, com ambos os tópicos. O grupo avançado parece preferir a inserção de clítico por oposição ao objeto nulo, com ambos os tópicos. Uma vez que a inserção do clítico é a única possibilidade de tornar estas estruturas gramaticais, os falantes ignoram a especificidade do tópico, acrescentam um clítico à estrutura e tornam-na gramatical. De realçar, também, que parece haver diferentes juízos para as duas construções.

A figura 5 mostra a distribuição das respostas pelos dois grupos na tarefa de seleção de frases, sendo apresentada a percentagem de vezes que o grupo de controlo chinês selecionou as diferentes opções do teste.

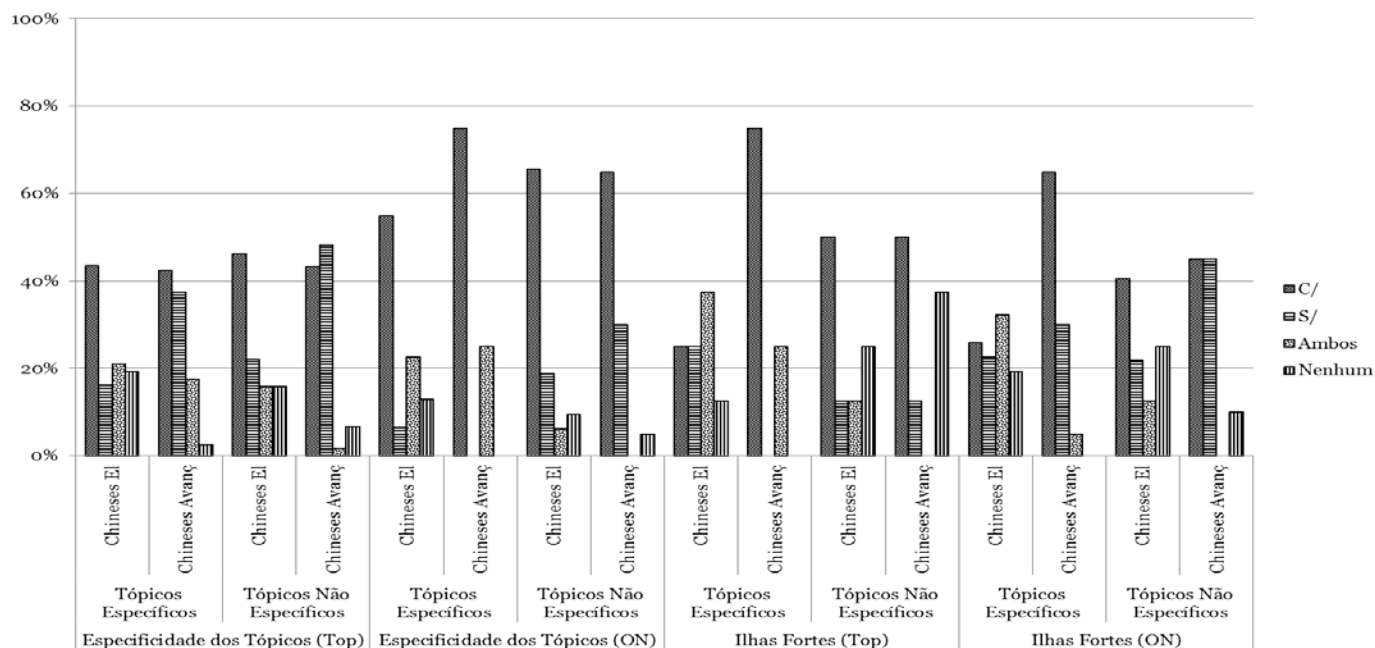


Figura 5. Grupo de controlo chinês (todos os dados)

O grupo de chinês optou, em todas as condições e tópicos, por construções com inserção de clítico, o que nos levou a crer que a avaliação dos níveis, ou as condições da aplicação do teste, deviam ser analisadas com mais cuidado. Estes resultados permitem corroborar o facto de não haver transferência de L1.

5. Discussão

Ao longo deste artigo, apresentámos alguns estudos sobre aquisição de L1 e L2 e explanámos algumas teorias de aquisição de língua segunda. Propusemos algumas questões e baseámo-las na Hipótese de Transferência Plena/Acesso Pleno. Tendo em conta esta hipótese, e partindo dos dados observados, poderemos dizer que há transferência das propriedades da L1, numa primeira fase, como previsto por esta hipótese? Não. O que observámos foi que o grupo elementar de espanhol apresenta um padrão de escolha que não evidencia transferência da L1. Se, por um lado, aceita DEC e construções com clíticos, com tópicos específicos em frases raiz, como prevê a gramática do espanhol, por outro lado também opta por estas construções em contextos de ilhas fortes e em frases com tópicos não específicos – opção “inválida” em português e espanhol. Assim, talvez possamos dizer que, nos dados apresentados por Valenzuela

(2006) com aprendentes Inglês L1/ Espanhol L2 quase-nativos, o uso de DEC com tópicos não específicos não corresponde a um caso de transferência da L1.

Outra das previsões feitas por nós neste artigo, baseando-nos em Sorace (2003), entre outros autores, é a de que as propriedades interpretativas são adquiridas tardiamente, por oposição à aquisição de propriedades estritamente sintáticas. Verificamos isso nos nossos dados? De facto, o grupo elementar parece ignorar as distinções de especificidade dos tópicos, ainda que pareça respeitar as restrições sintáticas destas construções. Assim acontece quando os falantes fazem uso de clíticos em contextos de ilhas fortes, por exemplo – ignorando a especificidade dos tópicos, a inserção de clíticos é a única opção para tornar a estrutura gramatical em contexto de ilha forte. Por outro lado, o grupo avançado apresenta juízos tendencialmente próximos dos do grupo de controlo no que diz respeito às construções de topicalização, ou seja, respeitando restrições de especificidade e restrições sintáticas, ainda que aceitem topicalização em contexto de ilhas fortes em 33% dos casos. No entanto, em construções de objeto nulo, os falantes do grupo avançado, ainda que aceitem a opção “ambos” com tópicos específicos em frases raiz, como o grupo de controlo, preferem a opção “clítico”, um pouco à semelhança do grupo elementar e da gramática do espanhol. Com tópicos não específicos, na mesma condição, o grupo avançado continua a preferir a inserção de clíticos, o que parece demonstrar que estas propriedades ainda não foram maturadas para as construções de objeto nulo. Este comportamento parece contrariar a última hipótese colocada por nós, neste artigo: “existe uma relação entre as construções de topicalização e as construções de objeto nulo?”. Os juízos dos falantes, relativamente a estas construções, não foram paralelos. Assim sendo, talvez possamos dizer que para os elementos do grupo avançado e, até, para os restantes, estas duas construções não têm a mesma natureza. Este seria um ponto a desenvolver num trabalho futuro, bem como uma melhor aferição dos níveis de proficiência dos elementos testados, de forma a evitar que essa falha crie ruído nos resultados finais. Se os níveis de proficiência estiverem bem avaliados, prevê-se que haja um padrão de respostas mais significativo e, por isso, mais esclarecedor.

Referências

- Alamillo, Assela Reig & Scott A. Schwenter (2007) Null Objects and Neuter *lo*: A Cross-Dialectal Variationist Analysis. In J. Holmquist et al. (orgs.), *Selected Proceedings of the Third Workshop on Spanish Sociolinguistics*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project pp. 113-121.
- Baltin, Mark R. (1982) A Landing Site Theory of Movement Rules. *Linguistic Inquiry*, 13, pp. 1-38.
- Bosque, Ignacio & Violeta Demonte (1999) *Gramática descriptiva de la lengua española*. Real Academia Española: Colección Nebrija e Belo, Espasa.vol. II.

- Costa, João & Maria Lobo (2010) Clitic Omission is Null Object: Evidence from Comprehension. In João Costa, Ana Castro, Maria Lobo & Fernanda Pratas (eds.) *Language Acquisition and Development*. Newcastle: Cambridge Scholars Press, pp. 96-106.
- Costa, João, Maria Lobo & Carolina Silva (2011) Which category replaces an omitted clitic? The case of European Portuguese. In P. Larranaga & P. Guijarro-Fuentes (eds.). *Pronouns and Clitics in Early Language*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Costa, João, Maria Lobo, Jaqueline Carmona & Carolina Silva (2008) Clitic Omission in European Portuguese: Correlation with Null Objects? In A. Gavarrò & M. J. Freitas (eds.) *Language Acquisition and Development. Proceedings of GALA 2007*. Cambridge Scholars Publishing, pp. 133-143.
- Duarte, Inês (1987) *A Construção de Topicalização na Gramática do Português. Regência e Ligação e Condições sobre Movimento*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Duarte, Inês (2003) Frases com tópicos marcados In Maria Helena Mateus, Ana Maria Brito, Inês Duarte & Isabel Hub Faria (orgs.), *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 489-506.
- Grüter, Theres (2006) Object (Clitic) Omission in L2 French: Mis-setting or Missing Surface Inflection? In Mary Grantham O'Brien, Christine Shea & John Archibald (eds.) *Proceedings of the 8th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2006)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 63-71.
- Grüter, Theres & Martha Crago (2010) The roles of L1 transfer and processing limitations in the L2 acquisition of French object clitic constructions: Evidence from Chinese- and Spanish-speaking learners In Katie Franich, Kate M. Iserman & Lauren L. Keil (eds.) *Proceedings of the 34th Annual Boston University Conference on Language Development (BUCLD)*. Somerville, MA: Cascadilla Press, pp. 150-161.
- Higgins, Frederick R. (1973). On J. Emond's Analysis of Extraposition. Syntax and Semantics 2 In *Kimball, JP ed., Sintaxe e Semântica. Vol. 2*, pp. 149-195. New York: Academic Press.
- Huang, James C.-T. (1984) On the Distribution and Reference of Empty Pronouns. In *Linguistic Inquiry* 15, pp. 531-574.
- Lasnik, Howard & Mamoru Saito (1992) *Move α – Conditions on Its Application and Output*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Prévost, Philippe & Lydia White (2000). Missing Surface Inflection or Impairment in second language acquisition? Evidence from tense and agreement In *Second Language Research* 16(2), pp. 103-133.
- Raposo, Eduardo (1986) On the Null Object in European Portuguese In Osvaldo Jaeggli & Carmen Silva-Corvalán (orgs.) *Studies in Romance Linguistic*. Dordrecht: Foris, pp. 373-390.

- Robertson, Dan & Antonella Sorace. (1999). Losing the V2 constraint In E. Klein and G. Martohardjono (eds.) *The Development of Second Language Grammars. A Generative Approach*. Amsterdam: John Benjamins.
- Rizzi, Luigi (1997) The fine structure of the left periphery In L. Haegeman (org.), *Elements of grammar: Handbook in Generative Syntax*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, pp. 281-337.
- Schwartz, Bonnie D. & Rex A. Sprouse. (1994). Word order and Nominative Case in nonnative language acquisition: A longitudinal study of (L1 Turkish) German Interlanguage In T. Hoekstra & B.D. Schwartz, eds., *Language Acquisition Studies in Generative Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 317-68.
- Schafer, Amy & Speer, Shari R. (1997) The effect of intonational phrasing on lexical Interpretation. Paper presented at the Tenth Annual CUNY Conference on Human Sentence Processing, Santa Monica, CA.
- Soares, Carla (2003) The C-domain and the acquisition of European Portuguese: The case of *wh*-questions *Probus* 15, pp. 147-176.
- Sorace, Antonella (2003). Near-nativeness In M. Long and C. Doughty (eds.) *Handbook of Second Language Acquisition Theory and Research*. Oxford: Blackwell, pp. 130-152.
- Tsimpli, Ianthi M. & Antonella Sorace (2006) Differentiating Interfaces: L2 performance in syntax-semantics and syntax-discourse phenomena In *BUCLD Proceedings* 30, pp. 653-664.
- Valenzuela, Elena (2006) L2 end state grammars and incomplete acquisition of Spanish CLLD constructions In Roumyana Slabakova *et al.* (eds.) *Inquiries in Linguistic Development: In Honor of Lydia White*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 283-304.
- Wexler, Kenneth, Anna Gavarró & Vincent Torrens (2003) Feature checking and object clitic omission in child Catalan and Spanish In R. Bok-Bennema, B. Hollebrandse and B. Kampers-Manhe (eds.) *Selected Papers from Going Romance 2002*.
- White, Lydia (2003) *Second Language Acquisition and Universal Grammar*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.